

FABULAÇÕES E CURRÍCULOS NOS USOS DE 'IMAGENS E SENTIMENTOS' NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Noale de Oliveira Toja¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

As fabulações na formação de professores, nos convida a criar diferentes manifestações curriculares que envolvem, imagens, sons e sentimentos. Os usos das narrativas cinematográficas, estimulam 'conversas' acerca dos diferentes 'dentrofora' das escolas, nas múltiplas redes educativas que formamos e nas quais nos formam. Como é criar fabulações com os usos de celulares, câmera, microfones, papelões, lãs, tecidos, como dispositivos e linguagens? Como ressignificar o currículo, quando os movimentos migratórios e a comida são artefatos, objetos, conversas, que irão destemperar o receituário e a prescrição do 'fazersaber' professora? Estas são inquietações que este ensaio traz a partir das experiências com o trabalho realizado no componente curricular, chamado PPP (Pesquisa e Prática Pedagógica), no curso de formação de professores, tensionando o sentir de outras sensações nos 'fazeressaberes' educativos. Nesse processo, dois vídeos foram criados, um deles traz a comida como expressão dos afetos. Sentar em torno da mesa, tomar um café da tarde, ou no meio da noite compartilhar as receitas de cuscuz e munguzá é abrir o corpo ao sentir, ouvir, cheirar, olhar e falar em torno dos processos e acontecimentos com as ideias que temos de 'sermos professoras e professores' e suas possibilidades de diferentes fabulações com os estudantes presentes nas turmas nas quais atuamos.

Palavras-chave: Redes educativas. Comida. *Cineconversas*. Currículo.

¹ Doutoranda em Educação PROPEd/UERJ, Rio de Janeiro, RJ - Brasil. Linha de Pesquisa "Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais" junto ao GRPesq Currículos, redes educativas, imagens e sons, com apoio CNPq, Capes, Faperj, UERJ (entre 2017 e 2022) coordenado pela Prof^a Dr^a Nilda Alves. Desenvolve projetos nas áreas das artes e tecnologias. E-mail: noaletoja22@gmail.com

FABULATIONS AND CURRICULUMS IN THE USE OF 'IMAGESSOUNDFEELINGS' IN TEACHER TRAINING

Abstract

The fabulations in teacher training invites us to create different curricular manifestations involving images and sounds. The uses of cinematographic narratives stimulate 'conversations' about the processes of the different 'insideoutside' of schools, in the multiple educational networks that we form and in which they form us. How do you create fables with the uses of cell phones, camera, microphones, cardboard, wool, fabrics, devices and languages? How can we resignify the curriculum, when the migratory movements and the food are artifacts, objects, conversations, that will deface the prescription as a prescription of the teacher? These are concerns that this essay brings from the experiences with the work carried out in the curricular component, called PPP (Pedagogical Research and Practice), in the course of teacher training, stressing the feeling of other sensations in educational 'makeknow'. In this process, two videos were created, one of them brings the food as an expression of affection. Sit around the table, have an afternoon coffee, or in the middle of the night sharing couscous recipes and munguzá is to open the body by feeling, hearing, smelling, looking and talking around the processes and events with the ideas we have to 'being teachers and teachers' and their possibilities of different fabulations with the students present in the classes in which we work.

Keywords: Educational networks; Food; Cineconversas; Curriculum.

FABULACIONES Y CURRÍCULOS NR LOS USOS DE 'IMÁGENESSONIDOSSENTIDOS' EN LA FORMACIÓN DE PROFESORES

Resumen

Las fabulaciones en la formación de profesores, nos invita a crear diferentes manifestaciones curriculares que involucran, imágenes y sonidos. Los usos de las narrativas cinematográficas, estimulan 'conversaciones' acerca de los procesos de los diferentes dentro de las escuelas, en las múltiples redes educativas que formamos y en las que nos forman. ¿Cómo es crear fabulosos con los usos de teléfonos móviles, cámaras, micrófonos, cartones, lana, tejidos, como dispositivos y lenguajes? ¿Cómo resignificar el currículo, cuando los movimientos migratorios y la comida son artefactos, objetos, conversaciones, que van a desterrar el recetario como prescripción del hacer profesora? En el curso de formación de profesores, se toman las experiencias con el trabajo realizado en el componente curricular, llamado PPP (Investigación y Práctica Pedagógica), en el curso de formación de profesores, tensando el sentir de otras sensaciones en los 'haceresaberes' educativos. En ese proceso, dos videos fueron creados, uno de ellos trae la comida como expresión de los afectos. Sentar en torno a la mesa, tomar un café de la tarde, o en medio de la noche compartir las recetas de cuscús y munguzá es abrir el cuerpo al sentir, oír, oler, mirar y hablar en torno a los procesos y acontecimientos con las ideas que tenemos de "ser profesoras y profesores" y sus posibilidades de diferentes fabulos con los estudiantes presentes en las clases en las que actuamos.

Palabras clave: Redes educativas. Comida. Cineconversas. Currículo.

Para que as luzes do outro sejam percebidas por mim devo por bem apagar as minhas, no sentido de me tornar disponível para o outro.

Mia Couto

Caminhar... criar... narrar...

O que é fabular? Onde reside a potência do falso? Quem são os personagens conceituais, que como intercessores fabricam diferentes narrativas no fazer *'discentesdocentes'*² (DELEUZE, 2005)? Como os usos de filmes revelam as relações cotidianas tramadas nas múltiplas redes educativas que formamos e nas quais nos formamos (ALVES, 2015)?

Essas indagações atravessam nossos *'fazeressaberes'*³ no GRPesq Currículos, redes educativas, imagens e sons, na linha de pesquisa "Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais", que pesquisa atualmente,⁴ as relações entre processos curriculares e os movimentos migratórios, no Programa de pós-

² Nas pesquisas com os cotidianos fomos percebendo que as dicotomias necessárias à criação das ciências na Modernidade, representavam limites ao que precisávamos criar. Com isto passamos a escrever assim os termos dessas dicotomias: com os termos juntos, em itálico, entre aspas simples, colocando no plural os termos e muitas vezes invertendo os termos tal como estamos habituados, a pronúncia-los, pelas marcas que os conhecimentos hegemônicos deixam em nós.

³ As palavras grafadas, juntas são para nós, do grupo de pesquisa nos/dos/com os cotidianos, um modo de perceber essas ideias que circundam os processos educativos no cotidiano, como algo fluido, híbrido, não dicotomizada. Portanto, onde for encontrado palavras juntas e grifadas é porque estamos entendendo seus significados como uma relação de confluência. Este modo de escrever estes termos juntos e grafados - tais como os termos *aprenderensinar, práticateoria, praticantespensantes, espaçostempos, conhecimentosignificações, docentesdiscentes*, entre outros - é utilizado em pesquisas nos/dos/com os cotidianos e serve para nos indicar que, embora o modo dicotomizado de criar conhecimento na sociedade Moderna tem sua significação e importância, esse modo tem significado limites ao desenvolvimento de pesquisas nessa corrente de pensamento.

⁴ 'Processos curriculares e movimentos migratórios: os modos como questões sociais se transformam em questões curriculares nas escolas', com apoio CNPq, Capes, Faperj, UERJ (entre 2017 e 2022) e coordenação de Nilda Alves.

graduação em Educação (PropEd) na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

Fomos percebendo que, com os textos que líamos - de Certeau, Maturana, Deleuze, Guattari e outros - e com as ‘conversas’ que desenvolvemos nas pesquisas com os cotidianos, o que contam são os gestos, os olhares, os sorrisos, os conflitos, as palavras, as imagens, os sons, os toques, os cheiros, os gostos, porque todos esses afetos são intrínsecos aos ‘*praticantespensantes*’ (OLIVEIRA, 2012) que participam das pesquisas nos/dos/com os cotidianos.

A experiência aqui narrada, contou com a participação de mais duas doutorandas do GRpesq Currículos, redes educativas, imagens e sons. A pesquisa acontece em torno dos encontros com uma turma de formação de professores no curso de pedagogia, num componente curricular chamado PPP (Pesquisa e Prática Pedagógica), em que atuamos no 6° e 7° período.

Num primeiro momento da pesquisa, desenvolvemos a ideia daquilo que chamamos de *cineconversas*⁵, ao assistirmos e conversarmos com os filmes que trazem a temática da migração, que nos levaram ao encontro de questões cotidianas. As narrativas cinematográficas estimulam ‘conversas’ acerca dos processos que costuram os diferentes ‘*dentrofora*’ das escolas.

⁵ Lembramos que nosso projeto comum, no grupo de pesquisa - “Processos curriculares e movimentos migratórios: os modos como questões sociais se transformam em questões curriculares nas escolas” (2017-2022) - inclui um movimento a que chamamos, desde o projeto anterior, de ‘cineclubes’. Recentemente, por proposta de uma das componentes do grupo - Rosa Helena Mendonça - passamos a chamar este movimento de ‘*cineconversas*’, pois de fato, sem seguir a tradição de cineclubes, o movimento que realizamos tem as ‘conversas’ em torno de temáticas introduzidas pelo processo de ‘*verouvirsentirpensar*’ os filmes como lócus central dessas pesquisas. Assim, não se trata de conhecer os filmes em si e discuti-los em sua historicidade, construção técnica, como obra artística de um criador etc - o que caracterizaria os processos realizados em um cineclubes - mas de tê-los como iniciador de pensamentos que permitam as ‘conversas’. Estas são conduzidas, tanto para a versão de realidades de migrações - em ocasiões diferentes, em ‘*espaçostempos*’ diversos, por causas diferenciadas - que os filmes permitem, como, em especial, para como essas ideias permitem pensar processos de acolhimento de crianças e jovens - bem como seus pais - nas escolas brasileiras. Partimos das ideias que os ‘*praticantespensantes*’ das pesquisas como criações desses processos que conhecem ou que pensam ser possíveis de realizar.

Num segundo momento, incentivamos a criação de vídeos, tecendo ‘fazeressaberes’ nos processos de produção de ‘conhecimentossignificações’, entendendo que a realização coletiva de vídeos que abordam situações cotidianas e artefatos culturais de pessoas migradas de outros países, nos coloca em devires e acontecimentos com as possibilidades de ‘conversas’ que trazem elementos presentes nos currículos. Essas experiências com futuros docentes criam ‘espaçostempos’ de sensibilidades, de ‘conhecimentossignificações’, de sentidos múltiplos de potência na criação individual e coletiva; de ética e estética nas virtualidades múltiplas de ‘ser professora e ser professor’ que criam com seus estudantes.

Os filmes ‘vistosouvidossentidos’, as conversas produzidas acerca deles, os textos lidos, os vídeos criados, os autores com os quais conversamos etc, são para nós ‘personagens conceituais’ (DELEUZE, 2005) permitindo que, com eles, pensemos os cotidianos escolares, com os desafios e soluções que seus ‘praticantespensantes’ encontram no dia a dia curricular.

Nas conversas com os discentes surgem questões de deslocamentos, da comida e da cozinha como ambientes de poder, afeto e afirmação das singularidades que permeiam os ‘fazeressaberes’ culturais. Queremos assim, chamar a atenção para o uso da arte do cozinhar (GIARD, 2013), nas suas tramas e artimanhas. Buscamos estudar os processos ocorridos - nos acontecimentos e nas virtualidades - com as fabulações que existem, mostrando as bricolagens realizadas, a criação coletiva presente nos usos de artefatos diversos (CERTEAU, 2014), que estão representados nos roteiros, nos personagens, na ação de filmar e editar as narrativas, que por vez, projetam os ‘fazeressaberes’ cotidianos nas complexas e possíveis atuações em suas redes educativas.

Desta forma, num hibridismo tecnológico, trabalhamos as similaridades que atravessam os ‘fazeressaberes’ docente, fílmicos e culinários, nos usos das astúcias e artefatos como um *bricoler* ou um brincante.

Fabulações, *Cineconversas* e formação de professores

O que é fabular? Onde reside a potência do falso?

Estamos o tempo todo na criação de realidades; são fabulações, narrativas que nos colocam em devires de afetos, conflitos, crenças e descrenças, julgamentos e paixões. Criamos cenas, personagens, sentimentos, sensações e situações que reforçam padrões e ao mesmo tempo nos subvertem em nossos *'fazeressaberes'*. Nos colocar como fabulantes na potência do falso (DELEUZE, 2005) é considerar que estamos em diferentes *espaçostempos* atualizando-nos nos acontecimentos⁶, exercitando virtualidades nos modos de existir. A potência do falso, não é necessariamente uma mentira, mas sim, a criação de possibilidades na virtualidade para aqueles que as criam e se fazem acreditar, como Marcel Duchamp (1975, p. 185, *in*: CERTEAU, 2014, p. 251) nos ressalta, “Gosto da palavra crer. Em geral, quando alguém diz ‘sei’, não sabe, mas crê”.

Fazendo uso da ideia da potência do falso para o *'Cineconversas'*, atividade realizada com estudantes da graduação de pedagogia, usamos os filmes *'vistosouvidossentidos'* como catalizador dos afetos, emoções, sensações, memórias e pensamentos acerca dos *'fazeressaberes'* nos/dos/com os cotidianos, fabulando outras realidades, a partir das experiências dos *'discentesdocentes'*. Assim, os *cineconversas* fomenta *'conversas'*, que possibilitam atravessamentos outros, em que os filmes como *lócus* central dessas pesquisas, *'metaforisa'*⁷ as experiências vividas por cada um, mediando a relação entre *'ficção-realidade'* e *'virtualidade-realidade'*. Quando junto

⁶ “Acontecimento - é preciso entendê-lo não como uma decisão, um tratado, um reinado ou uma batalha, mas como uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus usuários, uma dominação que se debilita, se distende, se envenena a si mesma, e outra que entra, mascarada. As forças em jogo na história não obedecem nem a um destino, nem a uma mecânica, mas efetivamente ao acaso da luta. Elas não se manifestam como as formas sucessivas de uma intenção primordial; tão pouco assumem o aspecto de um resultado. Aparecem sempre no aleatório singular do acontecimento.” (Foucault, 2005).

⁷ Uma brincadeira poética com a palavra, criação de sentidos.

essas possibilidades de lidar com a ficção-realidade-virtualidade, quero pensar acerca das maneiras como as realidades são criadas como verdades ou como possíveis verdades, numa ideia de criação de crenças, como realça Certeau:

Entendo “crença” não o objeto do crer (um dogma, um programa etc), mas o investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira - noutros termos, uma “modalidade” da afirmação e não o seu conteúdo. [...] Importa então interrogar-se sobre os avatares do crer em nossas sociedades e sobre as práticas originadas a partir desses deslocamentos.

[...] Hoje não basta mais manipular, transportar, refinar a crença. É preciso analisar-lhe a composição, pois há a pretensão de fabricá-la artificialmente. (CERTEAU, 2014, p. 252-253).

Assim como Certeau nos faz pensar na criação das crenças como materialização de realidades, Deleuze, traz a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis nas atualizações permanentes da virtualidade, ele diz:

A imagem virtual absorve toda a atualidade do personagem, ao mesmo tempo que o personagem atual nada mais é que uma virtualidade. Essa troca perpétua entre o virtual e o atual define um cristal. É sobre o plano de imanência que aparecem os cristais. O atual e o virtual coexistem, e entram num estreito circuito que nos reconduz constantemente de um a outro. Não é mais uma singularização, mas uma individuação como processo, o atual e seu virtual. Não é mais uma atualização, mas uma cristalização. A pura virtualidade não tem mais que se atualizar, uma vez que é estritamente correlativa ao atual com o qual forma o menor circuito. Não há mais inassinalabilidade do atual e do virtual, mas indiscernibilidade entre os dois termos que se intercambiam. (Éric Alliez, 1996, p.54).

Será então que quando a virtualidade se cristaliza torna-se realidade? Os filmes então, são a potência do falso, na criação de virtualidades que inspiram realidades? Ficções inspiradas em realidades que se virtualizam pela sua potência em afetar nas suas crenças? Essas questões são inspirações para sentirmos nossa capacidade de fabulações, criação de ‘realidades-virtualidades’ na formação de professores. É a possibilidade de nos vermos potentes como criadores de quaisquer realidades, que queiramos acreditar. É

atualizar na virtualidade como processos de singularização. Essa criação passa pelos sentidos e sensações e dessa forma, os elementos de linguagem dos filmes são dispositivos que nos ajudam a sentir e pensar como as narrativas nos afetam e como afetamos as narrativas produzindo *'conecimentossignificações'*. As conversas em torno das temáticas apresentadas nos filmes nos ajudam a atuar nos *'fazeressaberes'* curriculares na formação de professoras/es.

Ao acompanharmos as turmas do componente curricular de Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP), desenvolvemos em dois semestres, nos anos de 2017-2018, atividades de *cineconversas*, tendo o tema migração como disparador das conversas em torno dos cotidianos dos participantes, e a realização de dois vídeos pautados pelas suas vivências na condição de migrantes dentro do próprio país.

No PPP, pensamos as *'prácticasteorias'* mediadas pela apropriação dos objetos e dispositivos tecnológicos de comunicação e informação, como os celulares, computadores, câmeras de vídeo, microfones, softwares de edição de imagens e sons, como artefatos pedagógicos e curriculares (CERTEAU, 2014).

No primeiro semestre usamos os filmes com temáticas migratórias, como disparador das afetações; mobilizadores das emoções que muitas estão esquecidas ou são criadas num canto de nossas memórias. Os usos dos filmes como referências e dispositivos de conversas, acessam *'fazeressaberes'*, em que nas conversas revelam fabulações criadas a partir de memórias inventadas ou lembradas, por experiências ou hábitos migrados de outros *'espaçostempos'*.

Atualmente na pesquisa com os movimentos migratórios, estamos atentos às maneiras de como as escolas criam ambientes de trocas dos *'fazeressaberes'* ao tecer *'conhecimentossignificações'* entre aqueles que migram e aqueles que acolhem, por isso, a importância de nos revermos e sentirmos nesses *'espaçostempos'* numa criação de movimento de alteridade, ao reconhecermos a nós e aos outros, como Maturana (2002) nos chama a atenção, como legítimo outro; assim como Mia Couto (2004) nos poetisa com a

brincadeira de vez ou outra, acender e apagar as luzes, num piscar de vagalumes, no sentido de darmos as importâncias para nós e aos outros nas relações de afetos nos processos educativos.

Todo esse ambiente criado nesta efervescência é para nós uma trama tecida, em que cada fio traz a ideia de personagens conceituais (DELEUZE, 1992) como os filmes, os livros, os textos, as trocas na sala de aula com os participantes do PPP, as conversas com o grupo de pesquisa, os artefatos e astúcias usadas no processo educativo.

Essa trama então, cria fabulações que evidencia a potência do falso, lembrando no que Deleuze (2005) vai nos chamar a atenção para a ideia de que não há realidade em si mesma, e sim criações dessas realidades, e que se dá justamente pela nossa capacidade de fabular, criar narrativas, por meio daquilo que ele chama de potência do falso, não estando ligada a um valor moral, e sim como potência de criação, de invenção de um estado de ser, singular e coletivo. Ao sermos capazes de criar situações mais diversas, somos capazes também de criar e mudar realidades, usando de nossas astúcias como Certeau (2014) nos salienta a pensar, acerca da nossa potência em fabular, criando nas brechas do sistema consolidado, possíveis saídas, como enfrentamentos e condições de outras realizações, como a ideia da *métis* (DÉTIENNE. VERNANT, 2008), que usa da sua inteligência e artimanha para driblar as situações de resistência, com a criação daquilo que é possível.

Por isso acredito que, como *'discentedocente'* estamos em eternos processos de fabulações, nas criações, atualizando e virtualizando possíveis realidades, num processo de tessitura de *'conhecimentossignificações'*, no acontecimento.

Atuar a partir da ideia dos acontecimentos (DELEUZE, 2007), epistemológica-metodologicamente com os cotidianos, nos coloca na condição de fabulantes e criadores na potência do falso, com os usos das coisas, objetos, situações que nos apresentam no presente (CERTEAU, 2014). Os estudos dos/nos/com os cotidianos escapam da fôrma e da forma, das receitas ditadoras

e prescritivas de soluções, com grandes planejamentos engessados; entender o currículo nesta perspectiva é extrapolar as normas determinadas pelo governo, sentir a criação permanente de currículos e perceber sua multiplicidade. Estar atento aos acontecimentos nos cotidianos é nos colocar como *fazedores pensantes* no eterno presente em atualizações e virtualidades (DELEUZE, 1996), em que nesta atenção estaremos disponíveis a criação de realidades possíveis.

Foi com esta atenção, que ‘conversamos’ com as expectativas acerca do PPP e a intenção em trabalhar as questões migratórias nos currículos mediados pelos usos do cinema e da produção audiovisual como dispositivo, linguagem e elemento pedagógico, a partir das vivências das pessoas que ali compartilharam suas experiências.

Os enfrentamentos

A expectativa dos estudantes de formação de professores no PPP como componente curricular, era ter a orientação para a realização de seus projetos de pesquisa.

Nossa intenção nesse processo, era mostrar outras possibilidades de usos de diferentes artefatos no processo da pesquisa, nos apropriando de metodologias que fazem do audiovisual, uma potência, quando na sua apropriação, seja *‘vendoo uvidosentido*’ aos filmes, ou produzindo seus próprios filmes, possibilita a criação de narrativas na realização do possível e a percepção da criação de realidades nas manipulações de artefatos como os dispositivos tecnológicos, os sentimentos, as emoções, os pensamentos, a linguagem.

Ao perceber a potência dos usos dos filmes e a produção audiovisual como um dispositivo fomentador de conversas, um catalisador de ideias, sensações, sentimentos, tecendo *‘conhecimentos significações*’ podemos agregar

outros valores para pesquisa, como a ludicidade, a criatividade, o desenvolvimento da alteridade e o compartilhamento.

Trazer as questões do tema migração por meio do filme, uma questão urgente nos tempos atuais, nos faz aproximar desses acontecimentos com sensibilidade, incorporando-os na compreensão desses processos migratórios como as relações vividas por cada um de nós e pelos nossos familiares, seja vindo de outros países, seja vindo de outros estados, cidades, bairros, diferentes territórios, guetos, facções, culturas, sentimentos. Essas sensações podem nos aproximar de realidades criadas '*dentrofora*' da escola.

Ao tratar do tema migração, criamos um caminho de aproximação entre limites e fronteiras nas quais estamos submetidos o tempo todo como migrantes ou estrangeiros em diferentes situações da vida cotidiana.

Os filmes - narrativas dos cotidianos

Os filmes '*vistosouvidossentidos*' são agenciamentos que revelam empatias nas criações das realidades dos estudantes. Esses agenciamentos se dão pelas questões sociais ordinárias, e pelas emoções das pessoas, em que a fronteira entre o ambiente de onde parte, ou para onde vai, está impregnado de frustrações, sonhos e criações. São questões relacionadas aos modos de vida, tais como: estar numa universidade pública, como chegar a esta universidade depois de uma jornada de trabalho; como viver o enfrentamento da violência urbana com guerra de tráfico, milícia e polícia, situações de moradia; como mediar os conflitos e preconceitos existentes nos tratos entre pessoas de diferentes fronteiras territoriais, culturais e sociais. Esses limites e fronteiras representados em diferentes '*espaçostempos*' pelas histórias de vidas dos próprios estudantes, que são reconhecidos pelos afetos que os filmes proporcionam.

Caminhar, caminhar, caminhar... Esperar, esperar esperar...

No 'cineconversa', exibimos filmes que tratam de conflitos eminentes que se apresentam em situações migratórias, como "A corrida do ouro" de Chaplin, dentre outros e as produções audiovisuais produzidas pelo próprio grupo de pesquisa.

'A corrida do ouro', mostra como a necessidade de enfrentar questões financeiras e sociais, que levam as pessoas a se submeterem a situações adversas e de intensos conflitos existenciais e relacionais. Junto com as produções do grupo de pesquisa, os filmes trazem de maneira metafórica por suas imagens e sons a ideia do *caminhar, caminhar, esperar, esperar*, como um ambiente de esperança que vai levar a *caminhos* que forjam uma vida melhor, porém esse constante caminhar, que muitas vezes extrapola essa noção do físico e invade nossa imaginação de projeções do é a continuação desse constante caminhar. E essa projeção acontece no momento de esperar, esperar e esperar... Essa espera que não tem uma duração precisa, pode ser minutos, horas, dias meses, anos ou a eternidade, que leva a própria ideia de espera ser um caminhar projetado e talvez nunca alcançado, mas que vão gerar outras experiências pelas '*fazeressabeeres*' que os cotidianos vão apresentando e tecendo.

Nos processos desse caminhar infinito, como andarilhos nos colocamos nas descobertas de nós mesmos atravessados pelos '*espacostempos*' vividos nessas trajetórias. Um caminhar as vezes com ponto de chegadas, muitas outras com pontos flutuantes, meio nômade que não se sabe ao certo o que irá encontrar e onde irá pousar. E o pousar pode ser apenas o esperar, esperar, esperar, numa esquina, numa calçada, num botequim, numa rodoviária, numa estação, numa fila de emprego, numa praça.

Andarilhar com direção, a direção de não saber onde se irá chegar, como

um louco com sua indumentária simples largando tudo para trás, com uma trouxa pendurada nas costas e um cachorro pegado aos pés. Uma imagem criada que sugere um aparente sofrimento e coragem, porém nem tudo é sofrimento, nem tudo é coragem. Pode ser um prazer, pode ser uma fuga. Caminhar e esperar tem um tanto de coragem e de covardia, pensando tanto para quem parte como para quem fica.

Essa é uma imagem dos retirantes nordestinos, dos retirantes de qualquer interior, de retirantes de países em guerra, retirantes de países que sofrem com catástrofes naturais, retirantes de países que vivem em situação de risco, que não oferece qualidade de vida ou tranquilidade financeiramente, das pessoas que moram nas favelas e fogem das guerras do tráfico, que fogem das balas perdidas, daqueles que se acham e se perdem quando migram de um ponto ao outro da cidade, e muitas vezes de uma cidade a outra, todos os dias para o trabalhar ou estudar.

Os filmes *'assistidosouvidos'* entram nessa conversa com a migração que nos permeia, por sermos pessoas que vêm de diferentes regiões do país, sobretudo Nordeste, outras que moram em área de risco das favelas e vivem conflitos, criando narrativas num linguajeio (MATURANA, 2002) com os códigos próprios de linguagem, as gírias, os comportamentos, os adereços, jeitos de vestir, de caminhar, de cozinhar, de comer, de trabalhar, estudar, brincar e fazer lazer. Ao refletir acerca desses movimentos e acontecimentos cotidianos, ficamos atentos aos usos e formas de relacionamentos entre as crianças migrantes e já fixadas no espaço, que estão no desafio de viver a escola.

O filme acontece como um efeito espelho em que a partir do momento que o espectador se identifica de alguma maneira com as narrativas, seja pela história contada, seja pelas imagens, seja pelo som, seja pela montagem, o espectador faz uma conexão imediata com as emoções e as memórias que despertam das narrativas. É inevitável que essas conexões sejam realizadas a partir das sensações e das identificações que estão registradas nas memórias. Ainda que as lembranças não sejam exatamente aquelas vivenciadas, elas

tornam-se narrativas criadas a partir das experimentações sensoriais e emocionais que fazem com que acesse memórias que se revelam ou recriam vivências, situações e sentimentos que de alguma forma, aquele filme disparou.

Quando trazemos um filme que mostra os conflitos que estão envolvidos nos processos migratórios, tais como a língua, os costumes, os hábitos, a casa, a comida, o trabalho, o lazer, a arte, os gestos, que revelam usos desses artefatos culturais como afirmação de um modo de viver, percebemos o quanto somos estrangeiros dentro de ambientes que não nos vemos participantes, sejam eles no bairro, na comunidade, na escola, família, igreja, classe social e os aspectos culturais envolvidos nos *fazeressaberes* cotidianos. Há uma sensação de estrangeirismo no que toca o estranhamento por estar numa condição de diferente. E quando trazemos isso para os processos educativos esses artefatos culturais passam a ser artefatos curriculares, no sentido da apropriação desses gestos nas tessituras das redes educativas que nos foram e formamos, *'dentrofora'* da escola...

Essas impressões foram abordados pelos/as estudantes da PPP, quando foi trazido as questões de guerra com tráfico, a relação da polícia e milícia nas comunidades, os preconceitos em relação aos nordestinos, ou as pessoas que vêm de outras regiões do país, a questão racial, a relação geracional, e os conflitos enfrentados na escola que levam estudantes e docentes a buscarem nas suas *prácticasteoriaspráticas* meios que crie um ambiente favorável na tessitura de *conhecimentossignificações*, meios estes que muitas vezes ficam invisíveis. Um corpo atravessado por sensações, vivências, experiências e nós como pesquisadores e educadores nos colocamos em devir filósofo e artista pela nossa capacidade de fabular.

O cozinhar, uma fabulação na tessitura de ‘conhecimentossignificações’

Cozinhar é o mais privado e arriscado ato. No alimento se coloca ternura ou ódio. Na panela se verte tempero ou veneno. Quem assegurava a pureza da peneira e do pilão? Como podia eu deixar essa tarefa, tão íntima, ficar em mão anônima? Nem pensar, nunca tal se viu, sujeitar-se a um cozinheiro de quem nem o rosto se conhece. Cozinhar não é serviço, meu neto - disse ela. - Cozinhar é um modo de amar os outros. “Mia Couto, 2004, p.60”

A arte do cozinhar e a comida entram na pesquisa junto a turma do PPP, como um artefato político de resistência e criação. Este tema trazido por nós revelou o quanto as pessoas garantem suas singularidades e diferenças por meio da comida.

A comida traz um ambiente de memórias e afetos que nos colocam em ‘espaçostempos’, revelando processos de subjetivação em torno do carinho, do cuidado, do controle, das maneiras de desenvolver astúcias nos usos de bricolagens para adaptação de pratos culinários, aproveitamento de sobras, reinvenção de receitas, administração de uma cozinha em relação aos ‘fazeressaberes’. A cozinha é um espaço de poder, de trocas, de magia, de conflitos, de amores, de movimentos alquímicos.

A conversa com o grupo em torno da comida, trouxe intimidades, jeitos particulares de ‘fazeressaberes’, que revelam como a comida no seu processo de socialização sofre mudanças como modos de acomodação e de produção de um outro modo de fazer. Quando um prato como o cuscuz que é feito de diferentes formas dependendo da região do país, revela as particularidades desses usos, que muitas vezes estão relacionados com as ofertas dos produtos, clima, e a criação nos modos de fazer. Isso mostra, dentro do processo educativo, que não há uma verdade absoluta, ou o certo e o errado, e sim modos de apropriação e criação.

A comida ao revelar os modos de existir, revela também estranhezas, preconceitos, hábitos circunscritos pela história de uma sociedade que traz marcas colonialistas e escravocratas, numa tentativa de apagamento das culturas. E as diferenças culinárias, se impregnam de uma ideia exótica como um movimento de sobrevivência dos aspectos culturais que as mantêm como força política. Esta força se revela quando acontecem os encontros, as conversas, as manifestações artísticas que giram em torno da comida como resistência e criação.

Trouxemos essa conversa para a produção audiovisual. Depois de termos conversados com alguns filmes *'assisitadosouvidos'* produzimos dois vídeos de baixo custo, fazendo uso dos artefatos tecnológicos, como celulares, computadores, câmeras, microfones, papelão, lã, cola, tesoura, lápis cera e a criatividade, envolvendo docentes, estudantes neste processo de tessitura, evidenciando outras redes educativas de *'conhecimentosignificações'*. A intenção neste fazer era sensibilizar para as possíveis maneiras de usar artefatos tecnológicos como fazeres curriculares.

Ao estimular a criação dos vídeos, permitiu trabalhar questões curriculares e, mais especificamente a problemática das migrações humanas. Entendemos que a produção coletiva de vídeos que nos mostram situações cotidianas de pessoas migradas e artefatos culturais de outros países cria devires e acontecimentos com as possibilidades de *'conversas'* que trazem elementos curriculares presentes nos currículos. Essas experiências de produção *imagéticasonoras* com futuros docentes criam *'espaçostempos'* de sensibilidades, de *'conhecimentossignificações'*, de sentidos múltiplos de potência - de criação individual e coletiva; de ética e estética - que afirmam possibilidades múltiplas de *'ser professora e professor'* que cria com os estudantes.

Em um dos vídeos trabalhamos a comida como tema de criação política e de afetos.

Por ter na turma alguns alunos do nordeste essa questão foi bem forte, mostrando as diferenças culturais que existem nesta potente região brasileira. Tivemos como um prato principal, o típico cuscuz para diferentes regiões brasileira. Cada região se apropriou de artefatos, como utensílios, os alimentos e os jeitos de fazer que trazem as marcas de diferentes sabores e saberes ao produzir seu próprio prato de cuscuz.

Ao trazer as questões do nordeste, foram acessadas memórias, sensações das infâncias, os modos de viver, da chegada ao Rio de Janeiro, dos encontros das tradições nas feiras e festas.

Trazer a relevância do preconceito que existe em relação aos preparos dos pratos nordestinos foi marca desse grupo. A estranheza aos alimentos que são utilizados, os jeitos e gestos nos preparos, abordando assim, esses conflitos que geram em torno desses ingredientes e materiais. Pensou-se então um roteiro que contasse a história de um casal paulista, que chegando ao Rio de Janeiro, deseja visitar a feira de tradição nordestina no bairro de São Cristóvão.

O casal ao chegar à feira se deslumbra com a cultura, as artes feitas por artesãos, a música e a dança. Num determinado momento o casal com fome procura um lugar para almoçar e se depara com os pratos nordestinos que por sua aparência ou pelo preparo causam uma certa resistência.

Para gravar esse vídeo algumas pessoas da turma foram gravar e fotografar os acontecimentos e a ambiência da feira de tradição nordestina em São Cristóvão.

Com essas imagens capturadas o grupo criou máscaras que expressassem os sentimentos intencionados no roteiro e que marcassem as cenas gravadas.

Com as máscaras prontas foram gravadas as cenas do casal utilizando a técnica do chroma key, que trata-se em gravar as cenas em estúdio, que pode ser a sala de aula, com fundo infinito azul ou verde, fundo este que pode ser um pedaço de pano ou uma parede pintada nestas cores, para na edição fazer os recortes inserindo as imagens de ambiência junto ao casal.

Foram gravadas cenas do casal dançando, vendo os alimentos, tendo reações diante desses alimentos.



Imagem 1: “Sarapatel” - montagem reunindo imagens da Feira de São Cristóvão e estúdio em chroma key.



Imagem 2: Créditos do filme “Sarapatel”

Ao final o casal escolhe um prato que tem uma aparência mais convidativa, aos olhos daqueles que estranham determinadas comidas. O prato escolhido foi o cuscuz feito de milho, que rendeu várias discussões acerca dos modos de preparo, ingredientes e particularidades de diferentes regiões que afetam os modos de preparo. Neste filme, após esse conflito da escolha da comida, o casal come e volta a dançar.

No processo de produção de gravação e da montagem foi realizada junto com as alunas e alunos do curso de formação de professores do PPP, em que ao longo do processo fomos conversando acerca dos modos de manipulação e criação de realidades por meio dos usos das linguagens do audiovisual, do teatro e das artes visuais de um modo geral.



Imagem 3: Gravação no estúdio de chroma key montando na sala do grupo de pesquisa.

A manipulação e a criação de realidades se materializam no truque que feito com a técnica do chroma key, como mostra a cena nas imagens acima. Nesta experiência também observamos bricolagens com os usos de artefatos como sacolas de papel transformando-se máscaras com colagem de emogines capturados na internet.

Quando estamos atentos e abertos as tessituras em diferentes redes educativas, por meio dos *'fazeressaberes'*, nos proporciona a troca desses *'fazeressaberes'* entre os estudantes que têm nas suas vivências, tantas outras experiências artísticas, como um dos participantes que vem do teatro de bonecos e máscaras e nos ensina a fazer máscara com caixas de papelão.



Imagem 4: Filme “O Presente” - máscaras produzidas com caixas de papelão

Ainda no processo criativo e de produção das cenas precisamos transformar um ambiente totalmente claro num ambiente romântico e a meia

luz. A manipulação dos dispositivos tecnológicos que são agregados as câmeras de vídeo e de determinados celulares ou aplicativos, alteram o diafragma e abertura do obturador⁸, chegamos a luz romântica, sem acabar com a claridade que incidia no espaço.



Imagem 5: Filme “O Presente” - cena romântica

Esta experiência mostrou a capacidade e as possibilidades de criação de realidades. Revelando a potência do falso nas fabulações intencionadas de emoções, sensibilidades e afetos. Com esses usos tecnológicos nos vemos criadores de situações inexistentes, mas possíveis, que se realizaram pelas nossas astúcias, bricolagens e sobretudo pelo desejo de criação. Vimos as possibilidades de utilização e transformação de diferentes materiais e ambientes nos nossos *saberesfazeres* como *tessitura de conhecimentosignificações*.

Encontro final

No último encontro apresentamos os filmetes de 1 minuto, e confraternizarmos com comidinhas típicas trazidas pelas/os estudantes. Cada

⁸ Diafragma e obturador são dispositivos de manipulação de entrada de luz em câmeras fotográficas e de vídeo, sejam elas câmeras analógicas, digitais ou de celulares.

pessoa trouxe seus *saberesfazer*s culinários reafirmando os diferentes jeitos e fazeres, e o protagonista dessa narrativa foi o cuscuz de milho, trazido por uma das estudantes, com uma receita bricoladamente deliciosa.

A comida neste momento de encontro, foi um fazer poético e poiético, no compartilhamento dos afetos e carinhos.

Diante desse banquete versamos acerca desses acontecimentos (DELEUZE, 2002), criando outras narrativas sobre os usos do audiovisual, da temática migração e da comida como potência política e poética, nas fabulações e na potência do falso como criadores nos usos dos artefatos, personagens conceituais, que nos colocam como *'praticantespensantespraticantes'* de nossas realidades. Como uma trama num "emaranhado de fibras" desafio com Alves (2002) possíveis desafios na tessitura de conhecimentos gerado nos vários processos que se dão nas práticas sociais, assim como as interferências de tantos outros *'praticantespensantes'*, que em suas diferenças, complexificam e enriquecem esse processo que nos forjando nas redes, nos formam e as formamos.



Imagem 6: Apresentação dos filmes no encerramento dos encontros do PPP



Imagem 7: Os quitutes compartilhados no encontro



Imagem 8: Os quitutes compartilhados no encontro

Nessas experiências vimos como forjamos e criamos realidades e significações em *'fazeressaberes'* democráticos, lúdicos que nos acessam sentimentos, sensações e emoções atravessados pela ética e pela estética, em que estudantes e professoras/es são autoras e criadoras de seus *conhecimentosignificações*, aproximando as realidades nos/dos/com os cotidianos nos *fazeressaberes* curriculares.

REFERÊNCIAS

ALLIEZ, Éric. **Deleuze Filosofia Virtual**. Tradução Heloisa B.S. Rocha. São Paulo. Ed. 34, 1996.

ALVES, Nilda. Tecer conhecimento em rede. *In*: ALVES, N; GARCIA, Regina Leite (Orgs). **O Sentido da Escola**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2002.

Periferia, v. 11, n. 4, p. 81-104, set./dez. 2019

ALVES, Nilda. Interrogando uma ideia a partir de diálogos com Coutinho. In GARCIA, Alexandre; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs.). **Nilda Alves - Praticantepensante** de cotidianos. Rio de Janeiro: Autêntica, 2015.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano - artes do fazer**. 3° edição. Petrópolis: Vozes, 2014.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce. Uma ciência prática do singular. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2 morar cozinhar - 9ª ed.** Petrópolis: Vozes, 2013: 335 - 342.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** São Paulo: Ed.34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 4.** São Paulo: Editora 34, 2002.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo.** São Paulo: Brasiliense, 2005 (Cinema 2).

DELEUZE, Gilles. O real e o virtual. In DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Dialogues.** Paris, Flammarion, 1996

DÉTIENNE, Marcel; VERNANT, Jean Pierre. **Métis - as astúcias da inteligência.** São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 2005.

MATURANA Humberto. **Emoções e Linguagem na educação e na política.** Ed UFMG, Belo Horizonte 2002.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos 'pensadospraticados' pelos 'praticantepensantes' dos cotidianos das escolas. In: Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães Carvalho (orgs.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades.** Petrópolis: DP et Alii, 2012: 47-70.